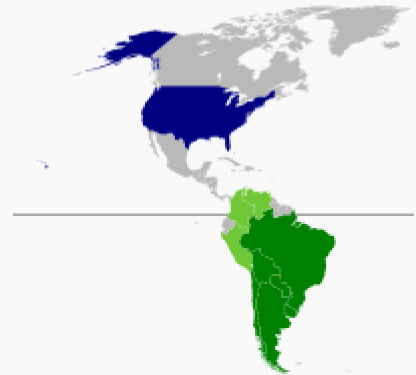
Operação Condor

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

A **Operação Condor** (também conhecida como Carcará, no Brasil)[7] foi uma aliança político-militar entre os vários regimes militares da América do Sul — Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai com a CIA dos Estados Unidos, levada a cabo nas décadas de 1970 e 1980 — criada com o objetivo de coordenar a repressão a opositores dessas ditaduras, eliminar líderes de esquerda instalados nos países do Cone Sul e para reagir à OLAS,[8] (Organização Latino-Americana de Solidariedade), criada por Fidel Castro.[8]

Montada por iniciativa do governo chileno,[9] a Operação Condor durou até a onda de redemocratização, na década seguinte. A operação, liderada por militares da América Latina, foi batizada com o nome do condor, abutre típico dos Andes que se alimenta de carniça, como os urubus.

Operação Condor	
Parte de Guerra Fria	



Países participantes da Operação Condor . Em verde: membros ativos (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai). Em verde claro: membros esporádicos (Colômbia, Peru, Venezuela). Em azul: Estados Unidos

Tipo	Operação secreta
Localização	América do Sul
Planejado por	Argentina Bolívia Brasil Chile Estados Unidos[1][2][3] Paraguai Uruguai
Comandado por	Jorge Rafael Videla Hugo Banzer Costa e Silva Emílio Médici Ernesto Geisel João Figueiredo Augusto Pinochet Henry Kissinger[4] Alfredo Stroessner Aparicio Méndez
Alvo	Comunistas, socialistas e opositores às juntas militares e governos de direita na América do Sul
Data	1968-1989
Executado por	Agências de inteligência dos respectivos países participantes
Resultado	Concluída após a queda do

Índice

Financiamento e treinamento
Participantes das ações
Negativa de direitos jurídicos e políticos
O sequestro dos uruguaios
Justiça italiana
Jango, JK e Lacerda
Representações na cultura
Referências
Ligações externas
Ver também

Financiamento e treinamento

Os países participantes foram o Brasil, a Argentina, o Paraguai, o Uruguai, e o Chile. O governo do general Hugo Banzer na Bolívia também colaborou. [*carece de fontes*?]

A ação foi conjunta e o governo norte-americano dela tinha conhecimento, conforme demonstram documentos secretos divulgados pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos em 2001.[10] Entretanto, o governo dos EUA alega que dentre todos os papéis liberados, nada há que comprove a participação ativa dos Estados Unidos na Operação Condor[*carece de fontes*?]

	Muro de Berlim
Baixas	60.000 a 80.000 suspeitos de simpatizantes de esquerda mortos[5] mais de 400.000 prisioneiros políticos[6]

A função principal era eliminar qualquer grupo de oposição aos regimes militares vigentes nestes países, fossem movimentos revolucionários armados como Tupamaros no Uruguai, Montoneros na Argentina, MIR no Chile, ALN no Brasil, ou mesmo lideranças políticas civis e militares como os casos de Orlando Letelier ou Carlos Prats. O primeiro passo da Operação Condor foi executar a imediata unificação de esforços de todos os aparatos repressivos dos países participantes.[*carece de fontes*?]

Participantes das ações

Foi comprovada, em 1992, através de documentos da polícia secreta do Paraguai, a existência de uma ação de Estado implantada em todo o cone Sul. Na verdade, a Operação Condor foi um acordo costurado por todos os países da região com o intento de facilitar a cooperação regional na repressão aos opositores dos regimes militares que então governavam o Brasil, a Argentina, o Chile e a Bolívia.[*carece de fontes*?]


SECRETO

SECRETO

Informe 334/77, do Centro de Informações do Exterior (CIEX), órgão subordinado ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil. O informe trata da operação do governo uruguaio contra o Partido Comunista do Uruguai. Este documento é um dos poucos registros oficiais do governo brasileiro sobre a Operação Condor. Arquivo Nacional.

Negativa de direitos jurídicos e políticos

A jurisdição da Operação se estendia, portanto, a todos os países envolvidos. A ausência de procedimentos burocrático-formais facilitava as trocas de informações e de prisioneiros (eventualmente dados como "desaparecidos") de diferentes nacionalidades. Aos acusados e perseguidos pelos agentes, eram negados todos os direitos humanos e políticos. Podiam facilmente ser levados de um território a outro sob a acusação de terrorismo.[*carece de fontes*?]

O sequestro dos uruguaios

O episódio com maior reconhecimento internacional, envolvendo a Operação Condor, aconteceu em novembro de 1978, numa colaboração entre as ditaduras do Uruguai e Brasil, mais tarde conhecida como "O sequestro dos uruguaios". Nesta ocasião, sob consentimento do regime militar brasileiro, altos oficiais do exército uruguaio viajaram clandestinamente a Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Alí sequestraram um casal de militantes da oposição política uruguaia, Universindo Rodríguez Díaz e Lilian Celiberti, junto com seus dois filhos, Camilo e Francesca, de 8 e 3 anos de idade, respectivamente.[*carece de fontes*?]

A operação ilegal fracassou quando dois jornalistas brasileiros, o repórter Luiz Cláudio Cunha e o fotógrafo João Baptista Scalco, da sucursal da revista Veja em Porto Alegre -RS — alertados por um telefonema anônimo, foram ao apartamento onde vivia o casal, no bairro Menino Deus da capital gaúcha.[11] Alí, confundidos com companheiros dos uruguaios, os jornalistas foram recebidos por homens armados que mantinham Lílian presa. Universindo e os filhos de Lílian já haviam sido levados ao Uruguai clandestinamente.[12] A inesperada chegada dos jornalistas quebrou o sigilo da operação, obrigando os militares a levarem rapidamente Lílian a Montevidéu.

Em 1980, dois inspetores do DOPS (Departamento de Ordem Político e Social, uma ramificação oficial da polícia a serviço da repressão política durante o regime militar), e que haviam participado da prisão dos jornalistas no apartamento de Lilian em Porto Alegre, foram condenados pela Justiça brasileira. Eram João Augusto da Rosa e Orandir Portassi Lucas (um ex jogador de futebol conhecido como Didi Pedalada), ambos identificados pelos jornalistas e pelo casal de uruguaios como sendo participantes na operação de sequestro, o que confirmou a participação do governo do Brasil na Operação Condor. Em 1991, através da iniciativa do governador Pedro Simon, o Estado do Rio Grande do Sul reconheceu oficialmente o sequestro dos uruguaios e indenizou-os,

inspirando o governo democrático do presidente Luis Alberto Lacalle do Uruguai a fazer o mesmo um ano depois. Lilian, Universindo e as duas crianças são os únicos sobreviventes conhecidos a terem sofrido uma ação da Operação Condor.[13][14]



Lilian Celiberti, sequestrada pela Operação Condor, em 1978, discursa no Fórum Social Mundial, 2010.

Justiça italiana

Existem documentos que comprovam que o procurador Giancarlo Capaldo, magistrado italiano, investigou a ação de militares argentinos, paraguaios, chilenos e brasileiros que torturaram e assassinaram cidadãos italianos na época das ditaduras militares da América Latina.[*carece de fontes*?]

No caso de acusados brasileiros de assassinato, sequestros e torturas, havia uma lista com o nome de onze brasileiros além de muitos militares de altas patentes dos outros países envolvidos na operação.[*carece de fontes*?]

Segundo as palavras do Magistrado, em 26 de outubro de 2000, "(...) Nada posso confirmar nem desmentir porque até dezembro militares argentinos, brasileiros, paraguaios e chilenos serão submetidos a julgamento penal...".[*carece de fontes*?]

Ainda em dezembro de 2000 a Justiça italiana iniciou o julgamento dos onze brasileiros, todos militares e policiais. Eram acusados pelo desaparecimento de três argentinos descendentes de italianos. Os brasileiros eram atuantes da Operação Condor . Por segredo de justiça, os resultados dos julgamentos e as punições dos criminosos, se houve, não foram noticiados.[15] Em dezembro de 2007 foram decretadas por autoridades italianas, prisões preventivas de diversos envolvidos, entre ele os já falecidos João Figueiredo (ex-presidente) e Octávio Aguiar de Medeiros (ex-chefe do SNI).[16][17]

Jango, JK e Lacerda

Em entrevista concedida em março de 2001, o ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes declarou que a Operação Condor decorreu do impasse na Guerra do Vietnã, que fez os Estados Unidos temerem confrontos semelhantes com o movimento guerrilheiro da América Latina. Mas a decisão da operação foi de setores da direita do Cone Sul. Quanto a João Goulart, Juscelino Kubitschek e Carlos Lacerda, *a condição para a abertura era o desaparecimento de lideranças políticas* e por isso foram eliminados.[18]

A família do ex-presidente João Goulart entrou com ação na Procuradoria Geral da República em que pede a investigação sobre o suposto complô que teria levado ao assassinato por envenenamento do ex-presidente, deposto pelo golpe de 1964 e morto no exílio, na Argentina, em 1976.[*carece de fontes*?]

O pedido foi acompanhado pela gravação de uma entrevista feita pelo filho de Jango, João Vicente Goulart, com o uruguaio Mario Neira Barreiro, de 53 anos, que atualmente cumpre pena em penitenciária gaúcha, por roubo, formação de quadrilha e posse ilegal de armas. Barreiro descreve seu trabalho no Grupo Gama, o serviço de inteligência uruguaio, nos anos 1970, e detalha a Operação Escorpião (subordinada à Condor), que teria levado ao assassinato de Jango por envenenamento, mediante a adulteração de seus medicamentos de uso contínuo. Ele era cardiopata. "Não me lembro se colocamos no Isordil, no Adelpan ou no Nifodin. Conseguimos colocar um comprimido nos remédios importados da França. Ele não poderia ser examinado por 48 horas, aquela substância poderia ser detectada" - contou Barreiro. Jango morreu na madrugada de 6 de dezembro de 1976, oficialmente de ataque cardíaco, aos 57 anos, em sua Fazenda La Villa, na cidade de Mercedes, Argentina. Seu corpo foi enterrado em São Borja, no Rio Grande do Sul, sem passar por autópsia. Há seis anos, uma comissão externa da Câmara dos Deputados investigou a morte de Jango, sem nada concluir.[*carece de fontes*?]

Porém no dia 13 de novembro de 2013 o corpo do ex-presidente brasileiro foi exumado com o objetivo de tentar esclarecer as causas de sua morte. A urna com os restos mortais de Jango saiu de São Borja com destino a Brasília, capital federal, onde foi recebida pela presidente Dilma Roussef. Amostras de tecidos também serão enviadas para laboratórios no exterior.[*carece de fontes*?]

Segundo João Vicente, "surgiram depois informações sobre o serviço secreto do Itamaraty, e a colaboração entre esse serviço e os de outros países, que dão veracidade ao que ele disse. Essa colaboração já existia antes da Operação Condor." João Vicente refere-se à divulgação de documentos sobre o Centro de Informações do Exterior, o serviço secreto do Itamaraty criado nos anos 60 e que vigiava os exilados brasileiros. O CIEX foi revelado numa séria de reportagens do jornalista Claudio Dantas Sequeira publicada em julho de 2007 no Correio Braziliense. Claudio Dantas Sequeira ganhou os prêmios Esso e Embratel, os mais importantes do jornalismo brasileiro. Também foi homenageado com o prêmio Resgate Histórico, do Movimento Nacional de Justiça e Direitos Humanos. Sequeira, que prepara um livro sobre o tema, descobriu mais de 20 mil páginas de informes produzidos entre 1966, ano de criação do CIEX, até 1984, quando foi desativado, que não estavam catalogadas no Arquivo do Itamaraty. Depois da publicação da reportagem, toda a documentação foi enviada ao Arquivo Nacional pelo chanceler Celso Amorim. Pesquisadores têm tentado pesquisá-lo, mas enfrentam limitações de acesso àqueles documentos que contém informações de vítimas do regime militar, cuja consulta só é permitida a familiares.[19][20]

Representações na cultura

- A Operação Condor foi retratada, ainda que de forma especulativa, no filme *Estado de Sítio*, do cineasta grego Costa-Gavras.
- Em 2007, foi lançado o documentário "Condor" de Roberto Mader.[21]
- Documentário "Escadrons de la mort, l'école française" de 2003 (original em francês com legendas em espanhol) . Em português: "Os Esquadrões da morte: A escola francesa" - O documentário que trata da transferência das técnicas francesas de tortura pelo Serviço secreto francês para os sistemas de tortura de outros países, incluindo o países latinos - da documentarista francesa Marie-Monique Robin.[22]
- Documentário Tortura Made in USA - 2009 - de Marie-Monique Robin[23]

Referências

1. McSherry, J. Patrice (2011). "Chapter 5: "Industrial repression" and Operation Condor in Latin America". In Esparza, Marcia; Henry R. Huttenbach; Daniel Feierstein. State Violence and Genocide in Latin America: The Cold War Years (Critical Terrorism Studies). Routledge. p. 107. ISBN 0415664578.
2. Greg Grandin (2011). The Last Colonial Massacre: Latin America in the Cold War. University of Chicago Press. p. 75. ISBN 9780226306902
3. Walter L. Hixson (2009). The Myth of American Diplomacy: National Identity and U.S. Foreign Policy. Yale University Press. p. 223. ISBN 0300151314
4. Greg Grandin. Kissinger's Shadow: The Long Reach of America's Most Controversial Statesman Metropolitan Books, 2015. p. 151. ISBN 1627794492
5. «Victims of Operation Condor, by Country» (http://bennorton.com/victims-of-operation-condor-by-country/). *Ben Norton* (em inglês). 28 de maio de 2015. Consultado em 8 de outubro de 2017.
6. Society, National Geographic (17 de dezembro de 2013). «Archives of Terror Discovered» (http://www.nationalgeographic.org/thisday/dec22/archives-terror-discovered/). *National Geographic Society* (em inglês). Consultado em 8 de outubro de 2017.
7. Câmara dos Deputados do Brasil - Seminário internacional Operação Condor será transmitido em tempo real pela Internet. (http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/seminario-internacional-operacao-condor-sera-transmitido-em-tempo-real-pela-internet) 03/07/2012. Página visitada em 12 de fevereiro de 2016.
8. Adital (http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=86735) - "40 anos da Operação Condor: debate fortalece cooperação em direitos humanos." Ana Clara Jovino, 30/09/2015. Página visitada em 12 de fevereiro de 2016.
9. Muñoz, Heraldo. *A sombra do ditador: Memórias políticas do Chile sob Pinochet* (http://books.google.com.br/books?id=xjnwfsgLlRMC). [S.l.]: Zahar. ISBN 9788537805053
10. «Localizar y detener al Dr Goiburú» (http://www.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB239c/index.htm). *www.gwu.edu*. Consultado em 8 de outubro de 2017.
11. CUNHA, Luiz Cláudio. Sucesso de investigação. In: Fernando Molica (org.) 10 reportagens que abalaram a ditadura. Sao Paulo: Record, 2005, pp. 117-248. Veja também as seguintes edições da revista VEJA: 20 out 1978; 29 nov 1978; 27 dez 1978; 17 jan 1979; 15 fev 1979; 18 jul 1979; 24 out 1979; e 11 jun 1980
12. CUNHA, Luiz Cláudio. Por que sou testemunha de acusação deste sequestro. Playboy No. 52, nov 1979, pp. 127-131 e 164-168.
13. CUNHA, Luiz Cláudio. "O sequestro de Lilian e Universindo - 15 anos depois. A farsa desvendada". *Zero Hora*. Caderno Especial, 22 de novembro de 1993, 8 p. Ver também "O Sequestro dos Uruguaios - 15 anos depois". RBS Documento. Video produced and presented by RBS TV, Porto Alegre, novembro de 1993
14. CUNHA, Luiz Cláudio. *Operação Condor. O sequestro dos uruguaios. Uma reportagem dos tempos da ditadura.* Porto Alegre: L&PM, 2008.
15. «Cliping de Notícias da EBC» (http://web.archive.org/web/20110807055641/http://www.ebc.com.br/anteriores/2000/sinopses_2610.htm). Empresa Brasileira de

Notícias. 26 de outubro de 2000. Consultado em 8 de Outubro de 2017. Arquivado do original (http://www.ebc.com.br/anteriores/2000/sinopses_2610.htm) em 7 de agosto de 2011
16. «Morre o general Octávio Medeiros, ex-chefe do SNI» (http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI656150-EI306,00-Morre+o+general+Octavio+Medeiros+exchefe+do+SNI.html). *Terra*
17. Justiça que vem de fora. (http://veja.abril.com.br/291207/p_030.shtml) Revista Veja, Edição 2041 , 29 d Dezembro de 2007.
18. Arraes foi avisado sobre a Operação Condor (http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:DJUx-10kJbAJ:www2.uol.com.br/JC/_2001/1103/po1103_4.htm+%22a+condi%C3%A7%C3%A3o+para+a+abertura+era+o+desaparecimento+de+lideran%C3%A7as+pol%C3%ADticas%22&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br) JC OnLine, 11 de março de 2001.
19. «CMI Brasil - EX-PRESIDENTE JANGO FOI ASSASINADO PELA OPERAÇÃO CONDOR» (http://www.midiaindependente.org/pt/red/2008/01/408130.shtml). *www.midiaindependente.org*. Consultado em 8 de outubro de 2017.
20. Há fortes indícios de que Jango foi assassinado com conhecimento de Geisel (http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaImprimir.cfm?materia_id=15129). Por Marco Aurélio Weissheimer. *Carta Maior*, 17 julho de 2008.
21. Acessado em 20/06/10 (http://www.oyo.com.br/filmes/documentario/condor/dados/) *[ligação inativa]*
22. - Escadrons de la mort, l'école française - em francês (http://www.algeria-watch.org/fr/article/div/livres/escadrons_mort_conclusion.htm) acesso 14 de maio de 2014
23. - Internet Archives - Torture Made in USA (2009) - em francês - Dirigido por Marie-Monique Robin (https://archive.org/details/TortureMadeInUsa) acesso 14 de maio de 2014

Ligações externas

- Informações sobre os 'Arquivos do Terror'
- Site do escritor John Dinges, autor de *The Condor Years: How Pinochet and his Allies Brought Terrorism to Three Continents*
- Série de reportagens feitas pela Empresa Brasil de Comunicação sobre a Operação Condor
- The National Security Archive

Ver também

- Ações de mudanças de regimes patrocinadas pela CIA
- Arquivo do Terror
- Organização Latino-Americana de Solidariedade

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Operação_Condor&oldid=52189038"